

## Extracto de publicações estrangeiras

### A vinha e os seus productos em Victoria, Australia

Os dados que seguem são extrahidos do Relatorio de M. Maistre, chanceler do consulado francez em Malbourne.

A cultura da vinha tomou um rapido desenvolvimento na colonia, onde se contavam em 1888 1:227 viticultores, na maior parte de origem franceza, suissa e allemã.

A superficie total occupada pelas vinhas era de 4.478 hectares em 1888, correspondentes a mais 878 sobre a superficie em 1885 e 1.558 do que em 1884.

Na vindima de 1887-1888 colheram-se 24.700:816 libras de uvas, das quaes 4.747:568 foram consumidas em fructo, produzindo as 19.953:248 restantes 58,393 hecitolitros de vinho e 167 de aguardente.

Dividem-se os vinhos produzidos na colonia da Victoria em duas classes distintas:

1.<sup>a</sup>—Vinhos similares aos de Hespanha, licorosos e como os vinhos alcoolicos do Roussilhão;

2.<sup>a</sup>—Vinhos similares aos de Bordeus, Borgonha e tambem aos brancos d'Allemanha e Hungria.

Estes vinhos tem geralmente os nomes das castas viniferas importadas dos principaes paizes vinhateiros da Europa, designando-se por esta forma: *cabernet-sauvignon*, *hermitage*, *porto*, *alicante*, *madeira*, *hock*, etc.

Alguns vinhateiros da Victoria tem experimentado, sem que tenham conseguido resultados vantajosos, fabricar vinhos brancos espumosos.

Apontam-se como causas de insuccesso o clima que contraria as fermentações lentas e o preço elevado dos serviços na Australia.

Pelo que diz respeito aos vinhos alcoolicos e de corpo Victoria deve estar d'entre em pouco em condições de poder exportar para a Europa, quantidades relativamen-

te consideraveis e muito particularmente para França onde no dizer do auctor podem ser empregados vantajosamente para lotações, em concorrência com os de Roussilhão e com os vinhos communs da Hespanha e da Italia.

Quanto aos vinhos chamados de *Bordeaux* e de *Bourgogne*, posto que entre elles appareçam já alguns que possuem qualidades estimaveis, não estão elles ainda em condições de lutar com as marcas acreditadas e conhecidas.

Diz porém o sr. Maistre, que isso é uma questão de tempo, porque cuidando-se e melhorando-se os processos de cultura, de fabrico e conservação, esses vinhos devem encontrar bom acolhimento nos mercados da Europa e da America.

As marcas Australianas tem soffrido bastante pela preocupação do geral dos viticultores, em produzirem muito e depressa, sem se importarem com a qualidade, que muitas vezes depreciam vendendo os vinhos ao sahirem da prensa e outros conservando-os em pipas e barris que serviram a alcoolos ordinarios, e inclusivamente a cervejas.

Uma reunião de viticultores presididos pelo ministro da agricultura, votou em 31 de agosto, duas moções que podem assim resumir-se:

1.<sup>a</sup>—Pedir ao governo da colonia para fazer com que a industria vinicola fosse completamente representada na Exposição Universal de Paris.

2.<sup>a</sup>—Fazer ir da Europa viticultores experimentados que ensinem praticamente os melhores methodos da cultura da vinha, fabricação e conservação dos vinhos bem como a maneira de fazer as lotações.

(Do Boletim da Direcção d'Agricultura—Oitavo anno n.º 1—Paris—Imprensa Nacional).

L. M.

